

# Psicologia ambiental: sua definição como área de atuação em psicologia no Brasil

## GT 9

Hartmut Günther (coordenador)  
 Maria Cecília Simões de Oliveira Coelho  
 Elaine Pedreira Rabinovich  
 Clarisse Carneiro  
 Isolda de Araújo Günther  
 José Queiroz Pinheiro  
 Marcos Ribeiro Ferreira  
 Mara Inês Campos de Carvalho  
 Marília Luiza Peluso  
 Marlise Aparecida Bassani  
 Pitágoras José Bindé  
 Reinier J. A. Rozestraten  
 Sheila Regina de Almeida  
 Sylvia Cavalcante

A afirmação de Ebbinghaus (citado em Boring, 1929, p. vii), segundo a qual a 'psicologia tem um longo passado, mas apenas uma breve história' aplica-se, igualmente, à psicologia ambiental, seja em outros locais, seja no Brasil. Baseado em contatos durante o *Iº Encontro Brasileiro de Psicologia Ambiental* (8 a 12 de outubro de 1999, em São Paulo), propõe-se este grupo de trabalho a elaboração de um *Manual de Psicologia Ambiental*. O livro consistirá de capítulos (a) metodológicos/teóricos, (b) do estado da arte em áreas pesquisadas pelos autores, (c) de bibliografia anotada e (d) endereços de recursos relevantes. Vislumbra-se como audiência alunos de graduação e pós-graduação, pesquisadores e profissionais da área. A constituição do grupo de trabalho *Psicologia Ambiental* na ANPEPP significará, não apenas a elaboração de um primeiro livro específico com autores trabalhando no Brasil, mas, também um passo importante para a consolidação de uma área de considerável importância nesta virada do século.

### *História do Grupo*

Apresenta-se, inicialmente, a origem e o futuro do grupo, seguido de considerações sobre colaborações entre membros do grupo no passado, para chegar, assim, aos objetivos do Grupo de Trabalho proposto. Conclui-se esta apresentação com os critérios que se pretende usar para uma avaliação de efetividade do Grupo.

### *Origem do Grupo*

A afirmação de Ebbinghaus (citado em Boring, 1929, p. vii), segundo a qual a 'psicologia tem um longo passado, mas apenas uma breve história' aplica-se igualmente à psicologia ambiental, seja em outros locais, seja no Brasil. Existe, entretanto, uma importante variante: as raízes da psicologia ambiental são não apenas longas, temporalmente, mas também amplas, no que diz respeito a sua extensão em outras áreas do conhecimento. Desta maneira, temas que tratam da relação recíproca entre indivíduo e ambiente, encontram-se não-somente na psicologia ambiental, mas em áreas como arquitetura, planejamento urbano, geografia social, ergonomia, desenho industrial, educação ambiental, entre outras. Aproveitando a definição de um termo chave da área, territorialidade, faz-se necessário, dentro do cenário brasileiro, determinar o território da psicologia ambiental enquanto disciplina e enquanto área de estudo (Sommer, no prelo). A criação do grupo de trabalho na ANPEPP será um importante passo nesta direção.

Alguns dos participantes deste grupo de trabalho já vinham se encontrando ao longo dos últimos anos, em congressos e outros eventos, para tratar de assuntos relativos à área de Psicologia Ambiental no Brasil. Um desses momentos ocorreu em julho de 1997, durante o 26º Congresso Interamericano de Psicologia, realizado em São Paulo, ocasião em que foram realizadas várias sessões da área de Psicologia Ambiental no contexto brasileiro e latino-americano. Em decorrência desses encontros, a) grupos já existentes foram consolidados e/ou estimulados em seus esforços, b) um dos participantes deste grupo de trabalho foi escolhido representante da área junto à Sociedade Interamericana de Psicologia, c) foi criado um novo laboratório de Psicologia Ambiental na PUC-SP, d) foi esboçado um primeiro Curso de Especialização com participação de docentes de várias instituições nacionais (participantes deste grupo de trabalho) e do exterior (proposta infelizmente ainda não concretizada).

Durante a recente X Reunião Anual da Abrapso (08 a 12 de outubro, em São Paulo) ocorreu o *I Encontro Brasileiro de Psicologia Ambiental*, ocasião em que foram definidas algumas prioridades estratégicas para alavancar o desenvolvimento dessa área no âmbito da Psicologia brasileira. A formação de profissionais dedicados à área da Psicologia Ambiental foi considerada como essencial, implicando no incentivo ao seu ensino em todos os níveis. A partir da experiência já existentes, decidiu-se expandir ao máximo o seu alcance. Constatou-se a inexistência de textos brasileiros sobre o assunto, que comuniquem os conteúdos básicos / tradicionais abordados nos manuais estrangeiros, mas também os trabalhos que já vêm sendo desenvolvidos no meio acadêmico de nosso país.

#### **Evidência de trabalhos e produção conjuntos no Grupo**

De maneira geral, existem poucos trabalhos publicados de membros do Grupo de Trabalho proposto. Considerando o breve histórico da área no Brasil, isto não somente não deve surpreender, mas, antes pelo contrário, é uma das razões pela qual este grupo precisa ser constituído.

Por ocasião do *Iº Encontro Brasileiro de Psicologia Ambiental*, José Pinheiro (1999), um dos membros deste Grupo, proferiu palestra intitulada (*Um pouco da*) *Psicologia Ambiental no Brasil: identidade, incertezas, perspectivas* como parte de uma mesa redonda sobre *História das abordagens em psicologia ambiental*. Transcrevemos, a seguir, alguns trechos desta palestra:

Em uma comunicação sobre Psicologia Ambiental no Brasil, que escrevi em 1985, eu considerava o “estágio de organização da área ainda embrionário, com atividades ocorrendo isoladamente, espalhadas pelo país”. Mais recentemente, em 1997, na apresentação de um dossiê sobre Psicologia Ambiental, eu dizia que a presença da P. A. no Brasil ainda era “limitada e esparsa, com pouca integração entre os trabalhos, a não ser pelos aglomerados de produções em torno das poucas pessoas ou grupos atuando no setor [e ainda] que a Psicologia Ambiental está presente entre nós, sim, mas ainda engatinha.” (p. 329). Então já temos aí alguma evolução... Em uma revisão de áreas emergentes em Psicologia Social, elaborada por Elizabeth de Melo Bomfim, Maria de Fátima Q. Freitas e Regina Helena F. Campos para livro do Conselho Federal de Psicologia, em 1992, a mesma área era identificada como “Psicologia Ambiental / Ecologia Humana”. Das 15 referências mencionadas nesse levantamento, 6 eram artigos de periódicos, 4 eram publicações em anais de encontros (alguns deles regionais), 4 eram dissertações de mestrado e 1 era um relatório para uma instituição estrangeira; um conjunto de obras que, por sua natureza, evidencia a dificuldade de levantamento desse tipo de informação. O levantamento cobria toda a década de 80 e não mencionava nenhuma tese de doutorado, nenhum capítulo de livro e, mais importante, nenhum livro; dados que, uma vez mais, ilustram o estágio de desenvolvimento ainda bem limitado e, especialmente, pouca integração entre os trabalhos da área, mesmo quando tratada com nome duplo.

Assim, apresento uma proposta de cronologia analítica da P. A. no Brasil, dividida em 3 momentos, desde o início da década de 70 (estes são os que tratam – de alguma maneira – do tema “Psicologia Ambiental”):

#### **1º – traduções e cursos isolados**

*Traduções:* Sommer: Espaço Pessoal (1973/1969); Hall: A Dimensão Oculta (1977/1966); Lee: Psicologia e Meio Ambiente (1977/1976); Heimstra & McFarling: Psicologia Ambiental (1978/1974); Sommer: Conscientização do Design (1979/1972); e ainda: Tuan (1980 & 1983); Lynch (1982); Barker (?)

*Cursos:* de Psicologia Ambiental (de graduação ou extensão, geralmente ministrados por psicólogos para arquitetos)

## 2º – autores nacionais, isolados ou “intra-clusters”

Almeida (Ciência&Cultura, 1981) - Psicologia Ambiental (07 refs); Melo (Psicologia-USP, 1991) – Psicologia Ambiental, uma nova abordagem da Psicologia (79 refs); Campos de Carvalho (Psicologia: teoria e pesquisa, 1993) – Psicologia Ambiental, algumas considerações (44 refs);

## 3º – tentativas de integração (iniciativas “inter-clusters”)

Günther & Rozestraten (Psicologia: teoria e pesquisa, 1993) – Psicologia Ambiental, algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino (58 refs); Bomfim, Freitas & Campos (Conselho Federal de Psicologia, 1992) – Fazeres em Psicologia Social (15 refs); Del Rio & Oliveira (1996) – Percepção ambiental: a experiência brasileira (coletânea de artigos); Pinheiro (1997) – Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor (76 refs)

Entretanto, além da única colaboração de dois membros do grupo de trabalho proposto referenciado acima [Günther & Rozestraten, 1993], estão surgindo importantes iniciativas. Mais importante, a criação da área de concentração de psicologia ambiental no curso de pós-graduação em psicologia da UFRN [membros Pinheiro, Carneiro e Bindé], um convênio entre as pós-graduações da UnB e da UFPará [beneficiando os membros Rozestraten e Günther], participação num mesmo projeto internacional da Universidade de Barcelona [que reforçará a colaboração de Pinheiro e Günther], bem como uma segunda tentativa de um curso de especialização interinstitucional [juntando UFSC, PUC-SP, USP, UnB e UFRN sob a liderança da membra Bassani].

Supõe-se, que a criação do grupo de trabalho na ANPEPP contribuirá de maneira significativa para a consolidação desta importante área nesta virada do século.

### **Objetivos de trabalho do Grupo**

Há de se distinguir entre objetivos a curto e médio prazo, além aqueles mais facilmente aferíveis e outros mais vagos.

#### **Objetivo a curto prazo**

A tarefa comum, concreta, através da qual se pretende um primeiro esforço de aglutinação é a de elaborar um *Manual de Psicologia Ambiental*. O livro consistirá de capítulos (a) metodológicos/teóricos, (b) de estado da arte em áreas pesquisadas pelos autores, (c) de bibliografia anotada e (d) endereços de recursos relevantes.

Salienta-se, que nem todos os capítulos deste livro serão apresentados durante o VIII Simpósio da ANPEPP. Entretanto, os capítulos dos doze membros do grupo apresentarão um primeiro capítulo metodológico / técnico e onze capítulos de estado da arte em áreas pesquisadas pelos autores.

Vislumbra como audiência alunos de graduação e pós-graduação, pesquisadores e profissionais da área.

#### **Objetivos a médio prazo**

A criação do grupo de trabalho proposto deve ser considerada como um importante esforço para a consolidação desta área no Brasil. Além do impacto do livro no ensino, pesquisa e profissão, espera-se que os membros do grupo, individualmente, ou não, contribuam para uma maior visibilidade da área, para um melhor entendimento sobre as possíveis contribuições da área diante de problemas ambientais no Brasil, para o fortalecimento dos atuais e de futuros centros de pesquisa e para a sua integração no cenário da pós-graduação do país.

#### **Avaliação da atuação do Grupo**

Quanto à avaliação do objetivo a curto prazo, trata-se de uma avaliação da eficácia: consegue-se ou não preparar o livro? Foi-nos sinalizado de diferentes direções, que existe muito interesse em publicar um livro sobre psicologia ambiental. Assim, depende do grupo satisfazer esta demanda - com o apoio logístico da ANPEPP.

Quanto aos demais objetivos, podemos, neste momento, pensar somente em avaliação da eficiência do grupo: consegue manter contatos? Ampliam-se projetos de pesquisa envolvendo pesquisadores de mais de um local? Ocorre o fortalecimento dos grupos existentes, a criação de novos grupos, o aumento da visibilidade da área, entre outros indicadores mais subjetivos?

Espera-se poder relatar indicadores desta natureza num relatório futuro.

#### **Recursos para o trabalho do Grupo**

Supondo que todos os treze membros do grupo de trabalho ora indicados participem, precisar-se, além de hospedagem para todos eles, de passagem aérea para oito participantes.

### ***Distribuição do tempo.***

Aproximadamente oito horas (e.g. as duas sessões de quatro horas cada) devem ser utilizadas para uma discussão dos trabalhos — supõe-se que uma primeira versão esteja pronta e tenha circulado entre os membros do grupo, antes da reunião.

Outras três horas devem ser utilizadas para discutir aspectos gerais do livro, tais como editora, prazos, a bibliografia anotada e os endereços de recursos relevantes.

Outras três horas devem ser utilizadas para discutir o desenvolvimento de projetos de pesquisa em conjunto entre membros do grupo.

### ***Membros Componentes do Grupo de Trabalho***

Quanto aos membros do grupo de trabalho, destaca-se o seguinte: os treze membros, doutores, representam sete universidades [UFPará, UFRN, UnB, UCB, USP, PUC-SP e UFSC], cinco centros de pesquisa na área [na UFRN, UnB, USP, PUC-SP e UFSC], três áreas de formação profissional [arquitetura, geografia e psicologia], têm doutorado em psicologia [ambiental, desenvolvimento, geral e social] em três países [Alemanha, Brasil e EUA] em sete universidades [U Tübingen, PUC-SP, UFMG, USP, U Arizona, U California Davis, Michigan State U].

Esta diversidade reflete-se nos temas propostos: tratam de ambientes micro (e.g., casa) a macro (e.g., contexto urbano), populações diversas (crianças e adultos), metodologias e técnicas distintas (e.g., qualitativo e quantitativo; observacional e interação, fenomenológico e multi-método)

## **Qualidade de vida no contexto urbano**

**Hartmut Günther**

*Universidade de Brasília*

Não obstante mais da metade da humanidade viver em centros urbanos, os psicólogos prestam relativamente pouca atenção a vida urbana. A migração para as cidades é uma consequência de vantagens reais e imaginárias, quando se compara vivências urbanas e rurais. Ao mesmo tempo, com o crescimento dos centros urbanos, surgiram inúmeros problemas psicológicos, entre os quais alienação, desconfiança, isolamento, apatia, marginalização, associados a problemas sociais como violência, falta de moradia, poluição, pobreza ou desintegração social (Marsella, Wanderman e Cantor (1998). Neste capítulo, far-se-á uma revisão da literatura sobre os aspectos sociais de planejamento urbano, associando à literatura psicológica que diz respeito a vida urbana. Finalmente, apresentar-se-á estudos realizados em Brasília, de forma paradigmática, que dizem respeito à satisfação com o ambiente urbano, com senso de comunidade, com comportamento de ajuda; além de oportunidades de lazer nesta cidade projetada.

## **A esfera comportamento humano - ambiente nos cursos de psicologia no Brasil**

**Clarisse Carneiro**

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

Temáticas ambientais são investigadas em diferentes áreas da psicologia. Neste contexto, a psicologia ambiental desenvolve um papel fundamental, pois focaliza diretamente as inter-relações entre o homem e seu ambiente físico. Dada a discussão do que é psicologia ambiental e se ela configura realmente uma área da psicologia, muitos pesquisadores localizam seus trabalhos em áreas mais tradicionais. Todavia, são poucos os pesquisadores de institutos/ departamentos de psicologia em universidades brasileiras que trabalham diretamente e explicitamente

com psicologia ambiental. Este estudo objetivou investigar a situação atual da esfera “comportamento humano-ambiente” no Brasil, especialmente as condições de formação da psicologia ambiental, visando contribuir para uma sistematização dos esforços existentes e o intercâmbio entre pesquisadores. Foi utilizado um questionário enviado a pesquisadores vinculados a departamentos de psicologia ou equivalentes em universidades brasileiras. Os dados sugerem que tanto na esfera “comportamento humano – ambiente” quanto especificamente na psicologia ambiental, constitui-se um sistema de atividades de pesquisa e ensino bastante diferenciados e desvinculados entre si. Muitas temáticas trabalhadas na psicologia ambiental são, geralmente, importadas daquelas já trabalhadas na psicologia aplicada. 32,4% da grande variedade de temáticas encontradas são trabalhadas por mais de três pesquisadores, o que sinaliza a possibilidade de um *network* entre estes. Há ainda poucas evidências de que a psicologia ambiental comece a se tornar uma área estabelecida no Brasil. Entretanto, há um movimento de pesquisadores no país para fortalecer a área.

### **Barra Funda, as transformações na vida das crianças e na cidade: um estudo de caso**

**Elaine Pedreira Rabinovich**  
*Universidade de São Paulo*

As transformações na vida urbana, em geral, têm implicado na violação ao direito (ECA, art. 59) de crianças e adolescentes terem a oportunidade de se reunir livremente em atividades culturais, esportivas e de lazer. Por outro lado, o comportamento exploratório é uma matriz motivacional básica, que ocorre pela aquisição de competências através de experiências no entorno físico. Estar-se-ia restringindo a possibilidade de aquisição exploratória, ao mesmo tempo que enfatizando a autonomia e a aquisição de competências sociais precocemente? Como as transformações no setting urbano estariam se manifestando na vida das crianças? Objetivando obter subsídios para tais questões, foi realizado um estudo de caso com duas famílias em 3 momentos geracionais, moradoras do bairro central paulistano da Barra Funda. O estudo foi realizado através de entrevistas livres e semi-estruturadas sobre história de vida, focando a vida no bairro. A partir dos relatos, foi realizada uma análise de como os espaços externos – quintal, rua, bairro – eram apropriados pelas crianças nas 3 gerações, e como as diferenças entre elas estariam relacionados às transformações urbanas. Conclui-se baseada nos relatos, haver transformações em três níveis: em um nível mais imediato, da vida cotidiana - relação espaço/liberdade – a criança moderna não é permitido apropriar-se nem da rua nem do bairro, e frequentemente do quintal dado a sua inexistência, devido ao aumento da densidade populacional e seus corolários, trânsito e violência. Concomitantemente, havia anteriormente uma integração casa/trabalho, rompida há já 2 gerações, que possibilitava uma convivência inter-classes e uma aprendizagem por observação. Já a geração atual transita de modo a ser privada do encontro com o diverso. No nível das práticas sócio-educativas, de uma educação onde não havia autonomia mas havia independência favorecida pela atividade exploratória, seguiu-se atualmente o oposto: espera-se uma autonomia infantil mas não há independência dado a exploração não ser possível. Finalmente, em um nível mais abstrato, observou-se uma continuidade intergeracional em termos de “valores” em que a identidade dos avós intimamente ancorada ao “lugar” “de origem” reflete-se nos netos através da “poética” que estes lugares evocam.

## Representação de crianças pela psicologia ambiental

Isolda de Araújo Günther

Universidade Católica de Brasília

Este capítulo terá como objetivo aproximar teorias do desenvolvimento humano e teorias da psicologia ambiental. Para tanto, serão examinados livros, textos e manuais da psicologia ambiental, no intuito de verificar como a criança é neles representada. Muchow e Muchow (1935/1980) foram os primeiros a estudar, de maneira sistemática, a vida das crianças no contexto urbano. Barker (1965) estabeleceu, em 1947, um laboratório, o *Midwest Psychological Field-station* em Kansas, EUA, com o propósito de compreender, nas palavras dos autores, 'o que está acontecendo por aqui?' com relação ao comportamento das 100 crianças existentes dentre os 714 habitantes da cidade. A partir destes esforços pioneiros, como a área se desenvolveu? Assumi a mesma tradição de ser uma 'missão' para solucionar os problemas das vidas das crianças, a exemplo do que ocorreu com a psicologia do desenvolvimento no período de Estudos da Criança? Passou a ver a criança como uma entidade abstrata? Ou, tendo optado pelo ambiente, esqueceu o desenvolvimento? A análise do texto deverá mostrar o percurso adotado pela área em anos recentes.

## Experiência 'ambiental' de ambientes representados

José Queiroz Pinheiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A grande maioria dos estudos de Psicologia Ambiental sobre a representação mental de ambientes trata de situações experienciadas diretamente, *in loco*. Ao mesmo tempo, constata-se a preocupação de alguns autores da área no sentido de integrar esses estudos de cognição ambiental com as ações efetivas das pessoas nos ambientes. Nesta comunicação destacar-se-á a importância de se investigar também a influência dos 'ambientes representados' sobre cognições e comportamentos ambientais correspondentes. Com base na literatura da área e em pesquisas realizadas pelo autor, esta apresentação incluirá, entre outros aspectos: a) diferenciação de representações cognitivas em função da extensão e peculiaridades do ambiente em questão; b) meios de propagação da informação ambiental (espaço e tempo); c) características informacionais e metodológicas da diferença entre simulação e representação ambientais; e d) implicações cognitivas e comportamentais (eventualmente, até mesmo ideológicas) da "cartografia ingênua". Para consecução dos objetivos de pesquisa segeridos, enfatizar-se-á ainda a necessidade de uma abordagem multimétodo, ilustrada por experiências práticas do autor, desenvolvidas em conjunto com alunos e colaboradores.

## Psicologia ambiental e do desenvolvimento: organização do espaço em instituições pré-escolares

Mara Inês Campos de Carvalho

Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto

Aspectos físicos geralmente são negligenciados no planejamento de ambientes infantis e em pesquisas sobre desenvolvimento. Porém, todo ambiente construído exerce um impacto sobre seus usuários. Visando o desenvolvimento infantil, a organização do ambiente deveria promover: identidade pessoal; competência; oportunidade para movimentos corporais e estimulação dos sentidos; sensação de segurança e confiança; oportunidade para contato

social e privacidade. Dados de nossas pesquisas apontam para a contribuição do arranjo espacial – maneira como móveis e equipamentos existentes em um local estão posicionados entre si – para ocorrência de interações de crianças de 2-3 anos em creches. Utilizamos a metodologia do experimento ecológico – manipulações sistemáticas da variável investigada no interior do sistema ecológico, preservando as inter-relações dos componentes ambientais. Tais trabalhos contribuem para a compreensão da interdependência entre arranjo espacial e o papel estruturador da educadora no contato de crianças pequenas, apontando o arranjo espacial como um dos elementos mediadores da interação de crianças, favorecendo uma melhora na qualidade do atendimento oferecido.

## A psicologia ambiental e os desafios para a renovação da psicologia

**Marcos Ribeiro Ferreira**

*Universidade Federal Santa Catarina*

Há virtudes em examinar uma área de conhecimento pelos problemas que ela pretende estudar. Isto significa inverter a tendência de dar maior atenção às respostas que essa área consegue produzir. No caso da Psicologia Ambiental, os desafios inicialmente visados foram relevantes socialmente e ambiciosos em seus horizontes. Seu nascimento ocorreu concomitantemente a um conjunto de eventos que marcaram a vida da sociedade ocidental, tais como: a tomada de consciência, da impacto da degradação ambiental e da explosão populacional sobre o planeta Terra, as mobilizações populares de 1968, o fortalecimento de movimentos de liberação feminina, de orientação sexual e de práticas sexuais e, de movimentos marcados uma tônica de contra-cultura. Tais eventos colocaram importantes desafios a serem enfrentados pela nova subárea que foram formulados de diferentes modos: tratar efetivamente da vida das pessoas, contribuir para a construção de dignidade humana, opor-se ao padrão de consumo da sociedade ocidental, colocar em pauta as decisões políticas dos eleitores e das esferas governamentais. Ao longo dos anos de desenvolvimento da Psicologia Ambiental esses aspectos parecem ter perdido o espaço. O exame dessas formulações tanto quanto dos aspectos contextuais indicados poderá apontar a sua importância como provocadores de inovações na área da Psicologia.

## Modos de morar: uma cartografia psicoambiental

**Maria Cecília Simões de Oliveira Coelho**

*Universidade de São Paulo*

Estudo de método como subsídio para análise da relação – pessoa lugar e temporalidade. A produção da cultura material é tomada em sua condição de modelo histórico, tendo a poética como referência de mudança e como forma constitutiva e motivadora da relação pessoa/ meio. Define como objeto esta relação (função poética) que é identificada na história de vida de três gerações de moradores da região central da cidade de São Paulo. Uma abordagem que levanta as diferentes temporalidades remanescentes no bairro da Barra Funda em três núcleos que são configurados pelas vias expressas, elevados, ferrovias, metrô e rio Tietê. A identidade urbana é tomada como paradigma para análise da apropriação do meio através de um inquérito que resgata os diversos limites e o sistema de referência, a poética é resgatada na experiência estética que emerge nos relatos livres dos moradores. O método de análise utiliza o recurso de Análise Gráfica do Discurso, adaptada aos cruzamentos inter e intradiscursos nas diversas formas de linguagens: palavras, sons, desenhos, fotos e vídeo e propõe como meta o desenvolvimento de um sistema digitalizado e configurado num programa multimídia de consulta interativa. Como resultado preliminar identifica a condição insular constituidora de identidade e mecanismo de resistência, uma temporalidade própria conduzida pela vida das comunidades e resultado da relação necessária entre a memória de cada morador, sua rede de relações e a sustentação necessária da cultura material.

## **Território perdido, auto-estima recuperada: um estudo sobre conflitos entre moradores urbanos**

**Marilia Luiza Peluso**  
*Universidade de Brasília*

Considerando que a relação das pessoas com seu ambiente vivido é de origem social, as imagens interpessoais produzidas pelas pessoas tecem territórios invisíveis que fragmentam espacialmente a cidade. Nesse sentido, o trabalho aborda conflitos entre habitantes urbanos no contexto de um programa governamental para populações de baixa renda, em que inquilinos de renda média baixa e ex-favelados foram alojados próximos a moradores de alta renda. A identidade negativa atribuída aos dois primeiros grupos levou à elaboração de imagens de um território urbano degradado, com o qual nenhum dos moradores se identifica e que, no limite, leva à negação desse mesmo território com o objetivo de obter reconhecimento e auto-estima.

## **Métodos observacionais em psicologia ambiental**

**Marlise Aparecida Bassani**  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

A observação faz parte de nosso cotidiano: observamos as indicações de chuva ou de bom tempo ao olharmos para o céu, maneiras de crianças brincarem, um sorriso de alguém especial. Contudo, para o emprego desta capacidade humana em trabalhos de pesquisa e na produção de conhecimento, a observação assistemática e informal do cotidiano transforma-se em método sistemático de coleta de dados, implicando em procedimentos que se estendem desde o preparo do pesquisador até o tratamento dos dados obtidos através dos diferentes registros observacionais. Neste trabalho, enfocaremos o contínuo observação-interpretação; a relação observador-observado (enfocando a ausência de neutralidade do observador e a necessidade de técnicas de auto-observação durante a coleta de dados); a decisão para uso da observação como método de pesquisa ou como técnica auxiliar para acesso a dados relevantes ao problema; tipos de observação: direta, participante e auto-observação; as descrições de ambientes físico e social; identificação de categorias de análise e de observação; tipos de registro e de medidas; análise de dados observacionais. Salientamos que não se pode escrever sobre observação sem exercitá-la, pois a observação é prática. Assim sendo, cada um dos tópicos acima mencionados será acompanhado de exercícios e exemplos de problemas de estudo em fenômenos priorizados pela Psicologia Ambiental.

## **Contribuições da psicologia ambiental para identificação e interpretação de cenários sensíveis a desastres**

**Pitágoras José Bindé**  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

Desastre pode ser definido como a configuração decorrente de um acontecimento físico extremo que ocasiona graves prejuízos na realidade social, exigindo dos atores sociais o desenvolvimento de mecanismos para lidar com tal evento. Desastres invadem os acontecimentos cotidianos (no trânsito, trabalho, supermercado, hospital, em casa, na escola) ou são neles produzidos (explosão numa indústria química). A psicologia ambiental investiga o

sistema “indivíduo-ambiente-interação”, articulando teoricamente os eventos quotidianos. Este trabalho objetivou identificar e descrever cenários quotidianos sensíveis a desastres, desenvolvendo estratégias para analisá-los. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com atores sociais relevantes, sendo identificadas variáveis dos acontecimentos quotidianos, caracterizadas pelos informantes como capazes de agravar as conseqüências de desastres. Embasados nestas variáveis, selecionou-se categorias do recenseamento estatístico (que descrevem a totalidade das condições de vida da sociedade) mais relevantes para a temática enfocada. Assim, identificou-se os tipos de acontecimentos sensíveis à desastres. Os resultados sugerem seis variáveis dos acontecimentos quotidianos que os tornam sensíveis a desastres: alta densidade social, baixa regulamentação social, dificuldade de locomoção, dificuldade de informação/comunicação, dificuldades de ação devido a vulnerabilidade de determinados grupos, riscos latentes capazes de produzir eventos desencadeadores de desastres. Acontecimentos quotidianos que apresentam pelo menos uma destas características devem ser analisados visando a prevenção e o combate de desastres. Foram identificados sete setores da vida sensíveis a desastres: habitação; cultura, lazer e esporte; trânsito; ensino e pesquisa; indústria; comércio; saúde.

### **Relação entre o ambiente de trânsito para pedestres e atropelamentos na cidade de Belém**

**Reinier Johannes Antonius Rozestraten**  
*Universidade Federal do Pará*

Belém tornou-se a capital brasileira campeã em atropelamentos, além de ser uma capital com alta taxa de colisões de veículos. Uma observação mais detalhada dos pedestres e do ambiente que está destinado aos mesmos, poderá esclarecer pelo menos grande parte deste infortúnio, no que se refere aos pedestres atropelados. Fatores contribuintes incluem: a) grande parte da calçada tem a estrutura que o dono do lote acha mais agradável para ele, fazendo rampas para baixo ou para cima conforme sua garagem; b) as calçadas encontram-se muito esburacadas; c) uma parte da calçada no centro é feita de pedras lisas facilitando deslizamento principalmente quando molhadas; d) o desemprego causou um enorme aumento de barraquinhas para vender de tudo. Em conseqüência deste ambiente adverso o pedestre prefere andar na pista de asfalto, onde circulam os carros. O que predispõe para atropelamentos, ainda tem agravantes em Belém a) a chuva freqüente que muitas vezes dificulta a visibilidade tanto para o motorista como para o pedestre, e b) a bela arborização de Belém que no entanto provoca uma sombra que especialmente nas horas de lusca-fusca também dificulta a visibilidade. Parece-nos bastante evidente que o ambiente em Belém contribui significativamente para a alta taxa de atropelamentos.

### **O adulto jovem e o lugar de morar**

**Sheila Regina de Almeida**  
*Universidade de São Paulo*

Com o intuito de investigar e conhecer as representações sociais dos jovens adultos, de diferentes localidades e a sua moradia, realizamos esta pesquisa com 500 pessoas, de ambos os sexos, em três cidades do Estado de São Paulo. Essas cidades foram escolhidas por serem de grande, médio e pequeno porte. Em cada cidade escolhemos dois tipos distintos de moradia como: cidade de grande porte (apartamento e favela), médio porte (casas e chácaras) e pequeno porte (casas de alvenaria e casas de madeira). Através da aplicação do instrumental gráfico, foram

produzidos desenhos destinados a descrever e retratar a relação entre seres humanos e as suas moradias. Como resultado percebemos uma relação ativa entre os informantes e o lugar onde vivem. Algumas dessas produções remetem a estória de vida dos moradores e outros são decorrentes das interferências sócio-econômicas no ambiente da moradia. Essa relação ativa pode ser percebida quando o jovem adulto se preocupa com coisas tão simples como a "sua casa", "o animal", "a flor", a "árvore"; com isso, ele poderá desenvolver uma nova re-ligação entre o ambiente que ele mora e o seu próprio conforto (qualidade de vida). Com isso, levaria a pensar uma nova forma de viver e de se relacionar, não só com a natureza, mas também com outros seres humanos em seu cotidiano.